

balleteatro



MUROS de Né Barros

Muros

Este projeto coloca-se na zona de exploração do corpo e das identidades muitas vezes fixadas noção de raça e de marca territorial. Num momento particularmente crítico no que respeita às questões migratórias, o corpo retoma uma nova importância de ser pensado numa valência transversal e sem fronteiras. A pesquisa irá focar-se nos “muros” enquanto formas visíveis e invisíveis, virtuais e materiais de modo a questionar as deslocções do familiar, da zona entre privado e público, do íntimo, do periférico, do efémero e do intempestivo na contemporaneidade. Migrantes, deslocados, refugiados, exilados constituem figuras em relação a um espaço sedentário onde são marcados os territórios de reconhecimento do mesmo e de rejeição do estranho.

Partindo de uma zona de conflito atual, este projeto reencontra as temáticas sobre as cartografias, as paisagens do humano, a Imagem, que têm caracterizado os meus trabalhos.

Muros. Muros de pedra e arame. Muros transparentes e de água. Muros psicológicos. Fantasmas e assombrações. Impedido de chegar ao outro, a outro lado. O outro que impede o outro. Trânsito infinito entre aqui e ali e nunca chegar. Corpo ferido, ferido por um tipo de vida, está isolado. Torna-se ele próprio obstáculo. Há uma espécie de imobilidade neste tráfego, trânsito, circulação alucinante. Este mundo material e imaterial que molda um corpo e o projeta numa condição limite, é o nosso ponto de partida.

A cartografia que os meus trabalhos traçam, é quase sempre uma cartografia da sobrevivência do gesto. Ele estende-se pelo espaço, insiste, fervilha e faz-se persistir. O corpo no seu movimento, na sua voz, lança-se em longas sequências de variação onde a repetição é o prolongamento de um estado e não a repetição de uma mesma situação. É neste estado do corpo que as imagens que hoje nos perseguem, são convocadas. O corpo cartografa trajetos de incerteza, dor e de alucinação.

Num dispositivo cénico que separa os corpos, o trabalho vai convocando imagens e zonas de conflito e de resistência. O som e a voz é o veículo que parece ser a única coisa que passa, que passa mensagens de amor, de ódio, de resiliência ou de desistência.

Né Barros

Rossana Mendes Fonseca

— fotógrafa e escritora, leitora atenta e séria deambulante —

Começamos com um muro que encerra o palco. Como se uma cortina fosse, há detrás algo que ressoa. Um som grave, como uma tuba. O som aproxima-se. E o muro abre-se, mostrando-nos corpos prostrados, que num vaivém, ora se erguem, ora se baixam.

Lentamente, deixa-se o chão. Estremecemos no estremecimento dos corpos, como uma agonia pelo movimento. Micro-movimentos até ao convulsionar total do corpo. Mover-se parece sempre ser a fuga mais imediata ao encerramento. Ao encerramento de muros, ao encerramento do corpo, ao auto-encerramento. Como se se pudesse sacudir, a vários ritmos, a várias velocidades, a vários tempos, algo que os constrange, estes corpos que dançam tornam-se hirtos e ondulantes, na torção interior de cada tecido até ao convulsionar da própria tendência motriz, da própria dor. Movimento em tensão, como se se tratasse de um gesto de libertar o interior do próprio corpo. A voz que é calada e recolhida no grupo.

Como num jogo da apanhadinha, corre-se, salta-se, assalta-se o outro, que «dança violentamente». Há bloqueios instantâneos perante o próprio movimento. Trata-se de um esbracejar, de uma convulsão coletiva no espaço. E, na parte da sombra, há uma voz que insiste na palavra. A palavra vinda de um lugar misterioso, não permeado pela luz. Esse espaço. Em mudança constante. Com os corpos, estruturas metálicas mais ou menos sólidas e opacas, que ora se transformam em janelas, ora em portas, dando-nos a ver momentos desses corpos em fragmentação, são também movíveis. Segue-se a palavra, corre-se no trilho dela. Na excentricidade dos trajetos, encontramos ainda uma preocupação formal, que não deixa de ser a da dança; dança-se quando se pretende habitar um corpo novo, que no encontrar de novas formas de habitar o mundo, muda a sua própria roupagem. E os muros.

Obstáculos, impedimentos, que nos fazem procurar um sempre outro horizonte.

Em «Muros», circula uma confrontação do corpo do espectador com o corpo daquele que dança perante ele. O nosso corpo de espectador não está imóvel, é atravessado pela experiência do intervalo variável entre este nosso corpo e o do outro que se aproxima e se afasta. E, se podemos afirmar, que esta experiência da dança, no contemporâneo, não é um mero exercício formal em ruptura com um eixo clássico ou modulação teórica de uma imagética política e social, mas presença sensível, visual, também sonora, quase táctil, pensamento em ato, então o lugar desde onde olhamos será constitutivo de toda essa experiência sensível. E se o olhar de cima e o olhar no mesmo horizonte são lugares distintos desde onde o olhar parte, que elaboram formas éticas igualmente distintas de se colocar perante algo — uma claramente distante e hierarquizada, analítica até, e outra, imanente, implicada, imersiva —, então é fundamental que a reconfiguração do espaço cénico exija uma configuração do espaço que acolhe aquele que olha. O dispositivo cénico, o dispositivo arquitetónico, fazer-nos-á dançar a partir de momentos tão distintos do nosso corpo, quando com ele penso, na abrangência que é a do olhar. Ora se dança por entre muros, com os muros, fazendo deles um corpo que passa a ser habitado,

no plano em que os corpos dançam, no plano do horizonte, onde os outros corpos embatem no meu. Ora se dança do olho do panóptico, da herança teatral da arquitetura vertical, de cima para baixo, que oprime a respiração e nos submete a uma visão de cone.

Os muros constituem um limite, um impedimento, um obstáculo, ao livre movimento, uma construção habitualmente sólida e potencialmente impenetrável, que pretende delimitar e proteger territórios e corpos, cuja imagem primeira, em última instância, é a de imobilidade. Sabemos, contudo, quão instáveis e quão móveis poderão ser os muros. A imobilidade dilui-se: «o homem do controlo [é] ondulatório, posto em órbita, num feixe contínuo»[1]. Dança-se, aqui, a problematização desta mesma ideia. Não deixamos de sentir uma espécie de imobilidade, de bloqueio do movimento, ainda que nos desloquemos, ainda que esses muros sejam deslocados. É talvez desse bloqueio que os corpos fogem quando tentam avançar sem avanço espacial. É na incansável procura de alcançar um novo horizonte, um novo mundo que estes corpos parecem debater-se. E, por vezes, esse horizonte parece estar deste lado, do lado daquele que os olha. Um olhar confrontacional está evidente no estacar frontal do corpo que parece, muitas vezes, nos interrogar. Da derradeira instalação de muros, vemos (de cima) corpos a trepar, imaginando que, num mesmo plano horizontal, estes parecem brotar. Num momento de suspensão, detêm-se no cimo desses novos muros, perscrutando talvez um novo horizonte. Os muros não desaparecem, são arrumados e desarrumados. E a geografia dos corpos dançantes vai-se (in)definindo. Corpos que são também muros. Muros que são também corpos. Corpos ondulantes. E nós, daqui, ora muros, ora horizonte.

A luz apaga-se e nada cai, nem a primeira cortina.

[1] in «Post-scriptum sobre as sociedades de controlo» de Gilles Deleuze

Ficha Técnica

Direção e Coreografia - Né Barros

Música (ao vivo) - Alexandre Soares

Cenário – João Mendes Ribeiro

Desenho de Luz – José Álvaro Correia

Figurinos – Maria Gambina

Intérpretes – Ana Deus, Bruno Senune, Elisabete Magalhães, Flávio Rodrigues, Gonçalo Cabral, Joana Castro

Textos de Eugénia Vilela, excertos de poemas de Paul Celan (tradução de João Barrento) e excertos de poemas de Robert Desnos

Produtora - Lucinda Gomes

Co-produção Balleteatro, Teatro Nacional S. João

Projeto integrado no programa internacional Non-Lieux de L'Exil, Collège d'études mondiales, Fondation Maison des Sciences de l'Homme, Paris

Estreia - dia 27 de Abril de 2017, repete 28 e 29, no Teatro Nacional S. João no âmbito do Festival Dias Da Dança, 2ª edição

Itinerância - 9 e 10 de Fevereiro de 2018 Centro Cultural de Belém

Duração aproximada – 60 min

Classificação etária – M/ 12 anos

Né Barros é coreógrafa e bailarina, ao longo da sua carreira tem desenvolvido em ligação os seus trabalhos artísticos com os científicos. É doutorada em Dança (FMH, UTL), Master of Arts in Dance Studies no Laban Centre (City University, Londres) e investigadora no Instituto de Filosofia no Grupo de Estética, Política e Conhecimento (UP). Iniciou a sua formação em dança clássica e, mais tarde, trabalhou dança contemporânea e composição coreográfica nos Estados Unidos, no Smith College. Fez o curso superior de Teatro na ESAP. Nos seus projetos tem colaborado com artistas nas áreas da fotografia, música, artes plásticas e cinema. Além do Balleteatro, estrutura que dirige e fundou, trabalhou com a Companhia Nacional de Bailado, com o Ballet Gulbenkian e com a companhia lituana Aura. É professora na ESAP e tem colaborado com diversas instituições como formadora. Fundou o Balleteatro e co-dirige o festival de cinema Family Film Project. Publicou livros e diversos artigos.

Alexandre Soares é co-fundador do grupo GNR como compositor e guitarrista, iniciou a carreira discográfica em 1980. Em 1988 edita o seu único álbum a solo, Projeto Global. Em 1993 teve a primeira ligação ao grupo Três Tristes Tigres no disco Partes Sensíveis. Com Ana Deus fundou o Osso Vaidoso. Em 1993, colaborou no projeto Zero, com o qual gravou o álbum de apresentação. Na exposição La Imagen Frágil da Fundacion La Caixa Barcelona, produziu uma intervenção sonora na instalação Señor Estupor de Javier Dias. Foi considerado compositor português do ano de 1998 pelo Jornal Público. Trabalhou para teatro, cinema e, desde 1999, colabora com a coreógrafa Né Barros, para quem compôs as músicas para diversos espetáculos.

Ana Deus nasceu em Santarém em 1963, vive no Porto desde 1981. Canta desde sempre. Depois de ter feito parte da banda *pop* Ban entre 1988 e 1992, e de em 1993 ter iniciado, com a escritora Regina Guimarães, os Três tristes tigres, volta em 2010 à composição de canções com o guitarrista Alexandre Soares no projeto Osso vaidoso. Em 2015 começa com Nicolas Tricot o projeto Bruta, com poesia de autores outsiders. Também fez canções para teatro e cinema.

João Mendes Ribeiro nasceu em Coimbra em 1960. Arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, em 1986. Doutorado pela Universidade de Coimbra, em 2009. Professor Auxiliar do Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Prémio Architécti 1997 e 2000. Prémio Diogo de Castilho (Coimbra) 2003, 2007 e 2011. Prémio FAD (Barcelona) 2004 e 2016. Gold Medal for Best Stage Design, Quadrienal de Praga, 2007. Prémio Enor (Vigo) 2009. Prémio BIAU (Cádiz) 2012 e (São Paulo) 2016. Prémio AICA/MC (Associação Internacional de Críticos de Arte/Ministério da Cultura) 2007, pelo conjunto da sua obra. RIBA Award for International Excellence (Londres) 2016. Selecionado para o European Union Prize for Contemporary Architecture – Mies Van Der Rohe Award (Barcelona) em 2001 e 2015 e finalista do RIBA International Prize (Londres) 2016. Em 2006 foi distinguido pela Presidência da República com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique.

Press

<http://www.globalnews.pt/ddd-ne-barros-deu-tiro-de-partida-ao-assalto-aos-muros-no-teatro-nacional-sao-joao/>

<https://www.publico.pt/2017/04/27/culturaipsilon/noticia/os-muros-como-os-corpos-tambem-se-deslocam-1770117>

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=6cfff5a1-59e9-4fe2-967a-21ddd4995f3e&userId=9e05417b-1976-457b-a29e-8d5f803075e4>

<http://www.pt.cision.com/cp2013/ClippingDetails.aspx?id=ee1ce577-5a76-4411-b706-ba96755c2d4b&userId=9e05417b-1976-457b-a29e-8d5f803075e4>

